

Belém, PA / Março, 2025

Perfil socioeconômico de agricultores familiares que cultivam pimenta-do-reino no município de Baião, PA

Dalva Maria da Mota⁽¹⁾, Alanne Cristine Moura da Silva⁽²⁾, Oriel Filgueira de Lemos⁽¹⁾ e João Paulo Castanheira Lima Both⁽³⁾

⁽¹⁾ Pesquisadores, Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA. ⁽²⁾ Bolsista Pibic/CNPq na Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA. ⁽³⁾ Analista, Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA.

Resumo — O objetivo do estudo foi caracterizar o perfil socioeconômico dos agricultores familiares que produzem pimenta-do-reino no município de Baião, PA. Foi realizado um estudo de caso com levantamento de dados primários e secundários. Um total de 50 pessoas autodesignadas responsáveis pelos cultivos foram entrevistadas, além de técnicos e pesquisadores. Os principais resultados mostram: perfis diversos dos produtores, com habilidades para lidar com demandas que requerem leitura e escrita; a centralidade da cultura de pimenta-do-reino coexiste com estratégias diversas para incremento da renda, destacando-se a diversificação por meio de atividades não agrícolas e o aproveitamento de políticas sociais; as condições de infraestrutura, de financiamento e de apoio da produção carecem de melhorias; a coexistência de satisfações e preocupações, amparadas na certeza de comercialização em contraste com a incerteza e oscilação dos preços da pimenta; e perspectivas de diversificação da produção para além da produção da pimenta-do-reino, tais como açaí, mandioca, cacau, piscicultura e pecuária.

Termos para indexação: *Piper nigrum* L., pipericultores, agricultura familiar, Baixo Tocantins, diversificação, Amazônia.

Socioeconomic profile of family farmers who cultivate black pepper in the municipality of Baião, PA

Abstract — The aim of this study was to characterize the socio-economic profile of family farmers who produce black pepper in the municipality of Baião, PA. A case study was carried out using primary and secondary data. A total of 50 self-appointed people responsible for the crops were interviewed, as well as technicians and researchers. The main results show: diverse profiles of producers, with skills to deal with demands that require reading and writing; the centrality of black pepper cultivation coexists with different strategies for increasing income, highlighting diversification through non-agricultural activities and taking advantage of social policies; the conditions of infrastructure, financing and support for production need to be improved; the coexistence of satisfaction and concerns, based on the certainty of commercialization in contrast to the uncertainty and oscillation of pepper prices; and prospects for diversifying production beyond black pepper production, such as açaí, cassava, cocoa, fish farming and livestock farming.

Embrapa Amazônia Oriental
Tv. Dr. Enéas Pinheiro, s/n
66095-903 – Belém, PA
www.embrapa.br/amazonia-oriental
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Comitê Local de Publicações

Presidente

Bruno Giovany de Maria

Secretária-executiva

Narjara de Fátima Galiza da Silva

Pastana

Membros

Adelina do Socorro Serrão Belém,

Alessandra Keiko Nakasone,

Andrea Liliane Pereira da Silva,

Anna Christina Monteiro Roffê

Borges, Clivia Danúbia Pinho da

Costa Castro, Delman de Almeida

Gonçalves, Jamil Chaar El Husny,

Marivaldo Rodrigues Figueiró e

Vitor Trindade Lôbo

Edição executiva e revisão de texto

Narjara de Fátima Galiza da Silva

Pastana

Normalização bibliográfica

Andréa Liliane Pereira da Silva

(CRB 2/1166)

Projeto gráfico

Leandro Sousa Fazio

Diagramação

Vitor Trindade Lôbo

Publicação digital: PDF

Todos os direitos reservados à Embrapa.

Index terms: *Piper nigrum* L., pipericulturists, family farming, Lower Tocantins, diversification, Amazon.

Introdução

O boletim trata do perfil socioeconômico dos agricultores familiares que produzem pimenta-do-reino no município de Baião, na mesorregião do Baixo Tocantins, na qual

[...] a situação da agricultura familiar é precária exceto em algumas zonas de Baião, município que apresenta mais características de frente pioneira onde o peso populacional ali é maior na terra firme do que nas ilhas (Piraux et al., 2017, p. 96).

Em Baião, as zonas mais dinâmicas da agricultura são aquelas onde a pimenta-do-reino constitui a base do sistema de produção, cujo histórico remonta aos anos 1970, quando o padre Thiago¹, holandês radicado em Baião, incentivou o seu cultivo. Como informou um entrevistado: “Ele verificou, que a pimenta era uma saída para a população agrícola do município [...]. Ele foi um dos grandes incentivadores da pimenta”².

A pimenteira-do-reino (*Piper nigrum* L.) é originária da Índia e, desde a década de 1930, passou a ser cultivada no Brasil, a partir da sua introdução por imigrantes japoneses (Homma, 1996). A cultura é típica de regiões de clima quente e úmido, necessitando de temperaturas acima de 22 °C e de precipitação anual maiores do que 1.200 mm para o seu pleno desenvolvimento (Duarte, 2004).

No Brasil, a produção de pimenta-do-reino está distribuída principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste (Carneiro Junior et al., 2017). No ano de 2022, a produção nacional de pimenta-do-reino ultrapassou a marca de 128 mil toneladas, com destaque para os estados do Espírito Santo e do Pará (IBGE, 2022a).

No estado do Pará, a pimenta-do-reino tem referência histórica a partir da década de 1950, quando foi introduzida, no contexto do pós-guerra (Homma, 1996). As condições edafoclimáticas favoráveis ao seu desenvolvimento na região Norte tornaram-na uma das principais atividades econômicas da agricultura paraense (Filgueiras et al., 2009), com destaque para agricultores familiares (Duarte et al., 2006).

Os principais municípios produtores do estado do Pará estão situados no Nordeste Paraense (NEP), com destaque para Tomé-Açu e Baião. A importância econômica da cultura para os agricultores deve-se

à possibilidade de aumento da renda familiar, pela garantia de mercado para a venda do produto e da geração de trabalho (Filgueiras et al., 2009). Além do mais, é frequente os agricultores se referirem à pimenta como uma paixão, seja porque gostam do trabalho, seja porque a época de cultivo é muito “animada” e dinamiza a economia local. Para um agricultor entrevistado: “É o nosso produto, não sei ficar sem ela [risos] porque me estresso, ela dá ocupação”³.

Embora a pipericultura paraense seja uma das atividades preferidas pelos agricultores familiares (Cunha; Damasceno, 2022) em decorrência da geração de emprego e renda e da circulação em cadeias de comercialização consolidadas, as oscilações nos preços da pimenta no mercado internacional, o alto preço dos insumos e condições climáticas adversas, notadamente em períodos de seca, têm fragilizado a atividade e desestimulado-os.

Baião é o segundo maior produtor do estado, superado apenas por Tomé-Açu — cenário que ressalta a relevância do produto para a economia local. Diante dos atuais níveis de produção, observa-se uma tendência de crescimento, considerando que houve aumento de quase 2 mil toneladas no ano de 2022 em comparação com 2021. Não obstante, há carência de suporte econômico e técnico para a adoção de tecnologias que promovam sistemas de produção mais sustentáveis e organização para a comercialização, considerando as especificidades da Amazônia e o contexto de mudanças climáticas (Ramos, 2022).

Considerando a problemática e a importância econômica e social da pipericultura paraense, o objetivo da pesquisa foi caracterizar o perfil socioeconômico de agricultores familiares que cultivam pimenteiras-do-reino no município de Baião, PA. A iniciativa é importante para gerar informações sobre a realidade e as demandas desses agricultores, bem como para identificar as atividades e práticas que carecem de melhorias, subsidiando o delineamento de políticas públicas.

Metodologia

A pesquisa foi realizada no município de Baião, situado na mesorregião do Baixo Tocantins, na microrregião de Cametá (Figura 1), selecionado por sua importância na produção de pimenta-do-reino no Pará. Originariamente uma vila, o município foi estabelecido em 1833 e hoje abrange uma área de 3.202,399 km², localizada a uma latitude 02°47'26"S e a uma longitude 49°40'18"O.

¹ Jacques Marianus Joseph Poels, conhecido como Padre Tiago, nascido em 8 de março de 1912, em Gassel, Holanda, incentivou a introdução da pimenta-do-reino em Baião, PA.

² Informação fornecida por E. S. P., técnico agrícola, em Baião, PA, em 2023.

³ Informação fornecida por A. P., agricultor, em Baião, PA, em 2023.

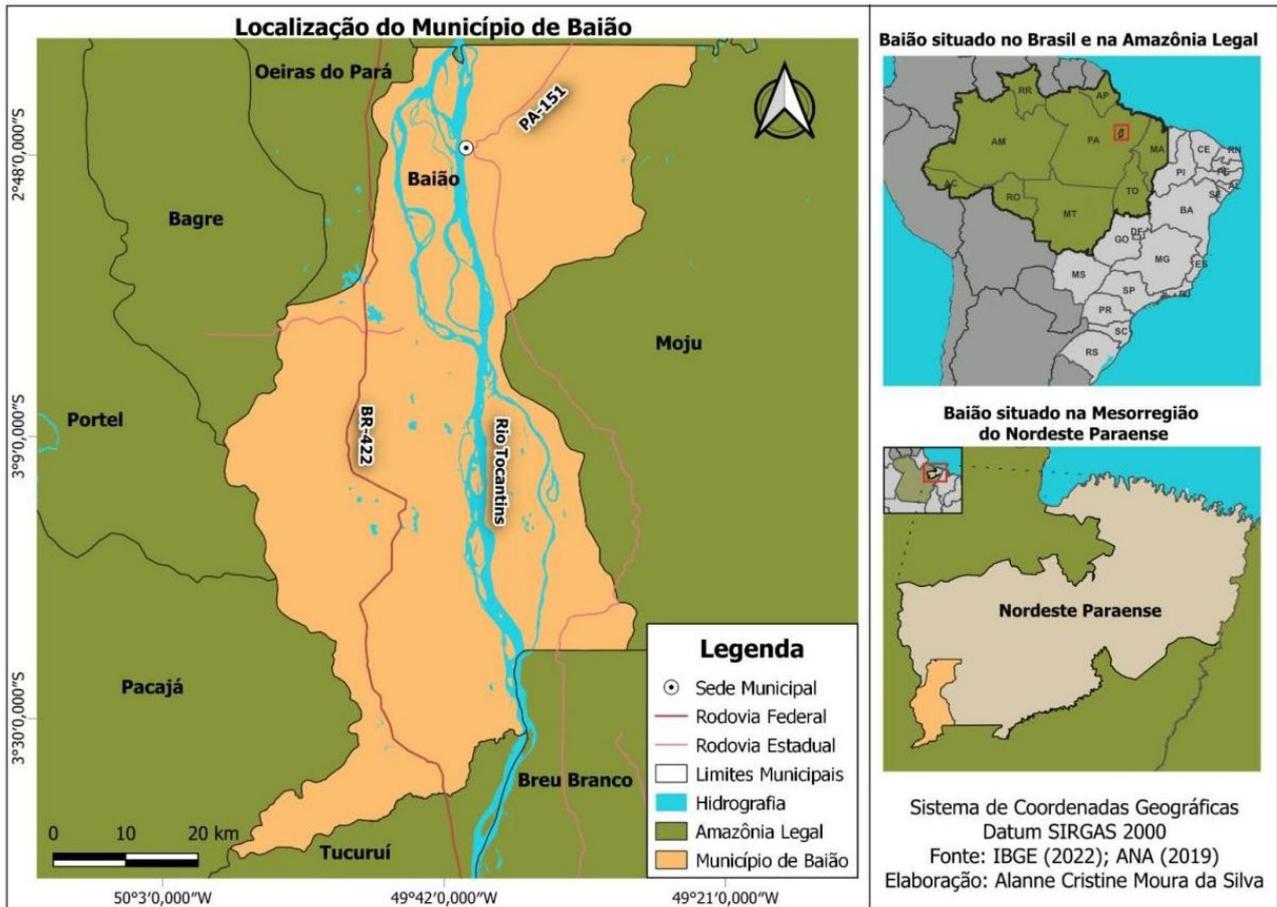


Figura 1. Localização do município de Baião, PA.

O município de Baião contava com uma população de 51.641 habitantes no ano de 2022. O acesso ao município pode ser feito pela PA-151 e BR-422, além da alternativa fluvial pelo Rio Tocantins. A distância entre a capital paraense (Belém, PA) e o município é de aproximadamente 265 km por via rodoviária. Além disso, o acesso rodoviário pode ser feito pelo Porto Arapari, em Barcarena, ou pela Rodovia Alça Viária.

Baião destaca-se como um dos principais produtores de pimenta-do-reino no estado do Pará, cuja produção alcançou 4.050 t em 2022 (IBGE, 2022a). Por ser a principal atividade agrícola, dinamizar a economia e comportar práticas específicas, o produto é fundamental na caracterização socioeconômica do município, nas identidades ocupacionais dos seus produtores e na coexistência de relações de trabalho nas diferentes fases de produção, com destaque para a colheita da pimenta, considerada a mais importante em termos de geração de trabalho nas vilas de Baião.

A metodologia contou com os enfoques qualitativo e quantitativo. A pesquisa baseou-se em levantamento de dados primários e secundários por

meio de revisão da literatura e de estatísticas e da coleta de dados de campo. Foi realizado um estudo de caso, que privilegiou o conhecimento de um fenômeno ao explorar a fundo um caso particular (Becker, 1994).

O trabalho de campo aconteceu em 2022 e 2023 em 15 vilas do município de Baião. Além de observações nos estabelecimentos, foram realizadas entrevistas com o uso de formulários com questões semiestruturadas com 50 agricultores familiares que produzem pimenta-do-reino e que se autodesignam como responsáveis pelos cultivos. As entrevistas buscaram descobrir a ótica do outro, as opiniões, avaliações, concepções e informações (Leitão, 2021). Foram entrevistados também pesquisadores e técnicos da assistência técnica para levantar as características históricas e produtivas da cultura, assim como, comerciantes que fazem a mediação entre os agricultores e as empresas exportadoras de pimenta-do-reino.

Por fim, a sistematização e análise contou com uma tabulação realizada utilizando-se planilhas eletrônicas, e todo o conteúdo da pesquisa foi analisado com o auxílio da literatura e de dados secundários.

Resultados e discussão

Do ponto de vista sociológico, os agricultores familiares caracterizam-se por uma forma social específica de trabalho e de produção que se situa em um espaço geográfico definido e que resulta da interação de um grupo familiar, ligado por laços de parentesco, com a terra e os outros meios de produção, do mesmo modo que com outras unidades familiares e grupos sociais (Schneider, 2016).

Sob tais condições, a agricultura familiar em análise evidencia unidades de produção (o estabelecimento) e de consumo (a família) amparadas em sistemas de produção bastante diversos e que têm na pipericultura a sua centralidade. Essa característica ampara-se no fato de que a pimenta-do-reino é um produto que se presta ao armazenamento por até 2 anos e, assim, resiste melhor às oscilações de mercado. Por outro lado, é considerada como uma espécie de “poupança” para uso em situações de maior necessidade. A posição de “poupança” é subsidiada pelas demais culturas que garantem o aprovisionamento cotidiano, a exemplo de mandioca, hortaliças e fruteiras.

Em Baião, entrevistados afirmaram que as zonas mais dinâmicas da agricultura são aquelas onde a pimenta-do-reino constitui a base do sistema de produção, cujo histórico remonta aos anos 1970, como citado na introdução. Meio século depois, a pimenta correspondeu aos propósitos e persiste como a principal cultura para os agricultores familiares do município que é o segundo maior produtor do estado do Pará e o sétimo do Brasil (IBGE, 2022b). Assim, é motivo de orgulho para aqueles que a produzem, mas também de preocupação em face da emergência climática que já se evidencia na região.

Vale destacar que a mandioca consta também em destaque, sendo o município de Baião o segundo maior produtor do estado do Pará e do Brasil (IBGE, 2022b). Não obstante, intensificam-se as iniciativas de diversificação com novos arranjos compostos por atividades agrícolas e não agrícolas em um contexto de preços baixos da pimenta e da pressão em face da ampliação da produção de soja nos arredores dos estabelecimentos.

As características mais relevantes em termos de perfil socioeconômico dos agricultores familiares entrevistados, condições de residência, infraestrutura, atividades, renda e planos para o futuro são analisadas a seguir.

Perfil dos agricultores familiares produtores de pimenta-do-reino: idade, escolaridade, estado civil e número de filhos

Os agricultores se diferenciam, segundo os consórcios que estabelecem com a pimenta-do-reino, em sistemas de produção de seis tipos: 1) aqueles que só plantam pimenta; 2) pimenta, hortaliças e outros; 3) pimenta e mandioca; 4) pimenta e fruteiras; 5) pimenta fruteira e criação; e 6) pimenta, fruteiras e salário.

No que diz respeito à idade e à escolaridade, predominam os agricultores de meia-idade e com ensino fundamental, como pode ser visto na Figura 2.

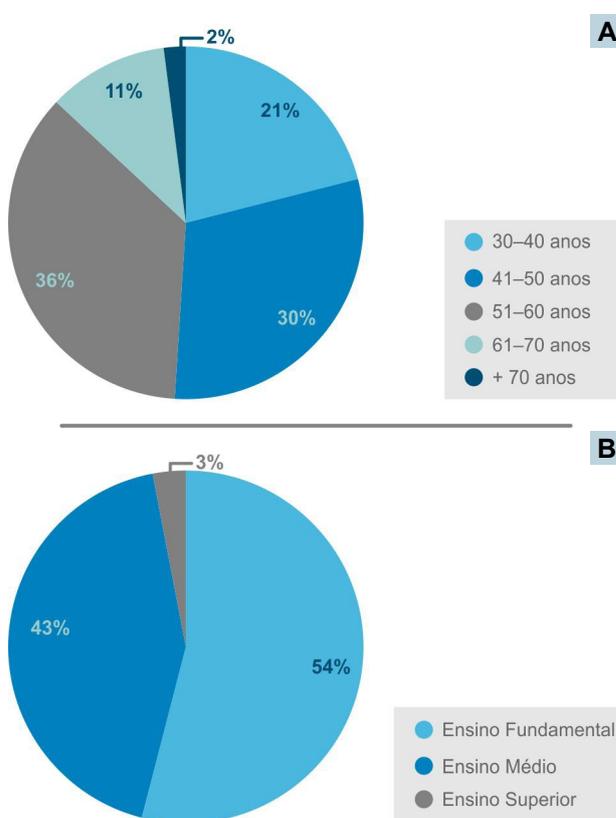


Figura 2. Perfil dos entrevistados de pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.) de Baião, PA, com relação à idade (A) e à escolaridade (B), 2023.

Os dados revelam ausência expressiva de jovens entre os produtores: nenhum deles tem idade inferior a 30 anos, e a maioria dos entrevistados tem idade que favorece a participação nas atividades produtivas (Figura 2A). A Figura 2B, por sua vez, evidencia que nenhum agricultor é analfabeto — uma vantagem para lidar com atividades que dependem do letramento, como bancos e comercialização.

Os dados sobre o estado civil e o número de filhos podem ser vistos na Figura 3.

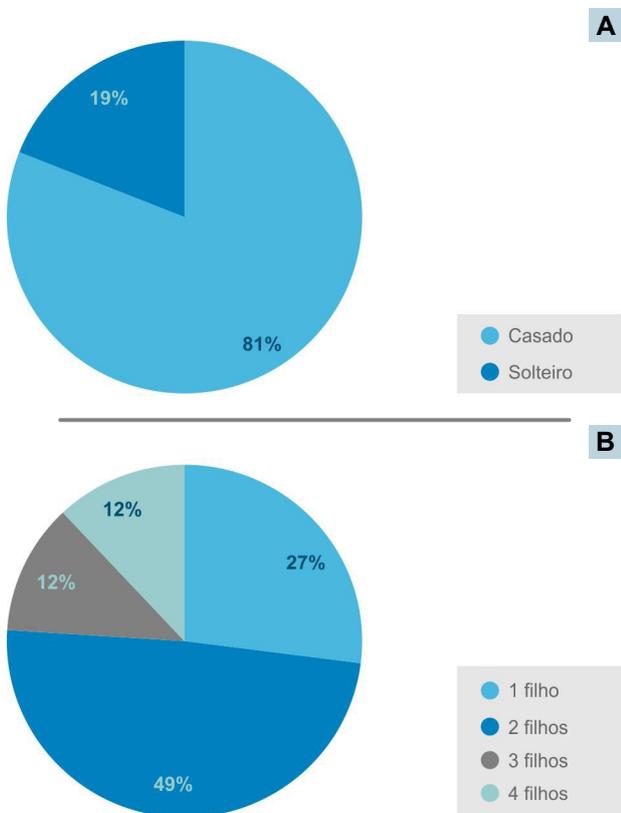


Figura 3. Perfil dos entrevistados de pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.) de Baião, PA, com relação a estado civil (A) e número de filhos (B), 2023.

Do total de entrevistados, 81% são casados, enquanto 19% são solteiros (Figura 3A). Na Figura 3B, é possível verificar o número de filhos desses agricultores. Em geral, as famílias são pequenas, sendo em média constituídas de quatro membros; logo, a maioria tem apenas dois filhos. Além disso, foi possível identificar que 52% desses filhos não trabalham com agricultura na propriedade porque 73% estão no ensino fundamental ou ensino médio, 11% no ensino superior e 16% trabalham na cidade. Os entrevistados indicaram o investimento na educação dos filhos para que eles tenham mais oportunidades e sejam menos vulneráveis aos percalços por eles enfrentados com a produção agrícola.

As vilas e as residências dos agricultores

Os agricultores entrevistados residem em 15 diferentes vilas que, segundo a tipologia de Ribeiro et al. (2017), são de três tipos: a) vilas em torno de um centro composto por seus principais prédios, como

escolas, igreja católica, bares, postos de saúde, além de uma pequena praça e de um campo de futebol; b) vilas com casas espalhadas, com infraestrutura e serviços dispersos; c) vilas estabelecidas ao longo de estradas federais (BRs) ou estaduais (PAs). Muito embora o município seja banhado pelo Rio Tocantins, nenhuma das vilas situa-se às suas margens, mas todas dispõem de igarapés. Isso se deve ao cultivo da pimenteira-do-reino em terras firmes e longe das margens do rio.

A figura 4 apresenta os dados relativos aos tipos de residências e às condições sanitárias.

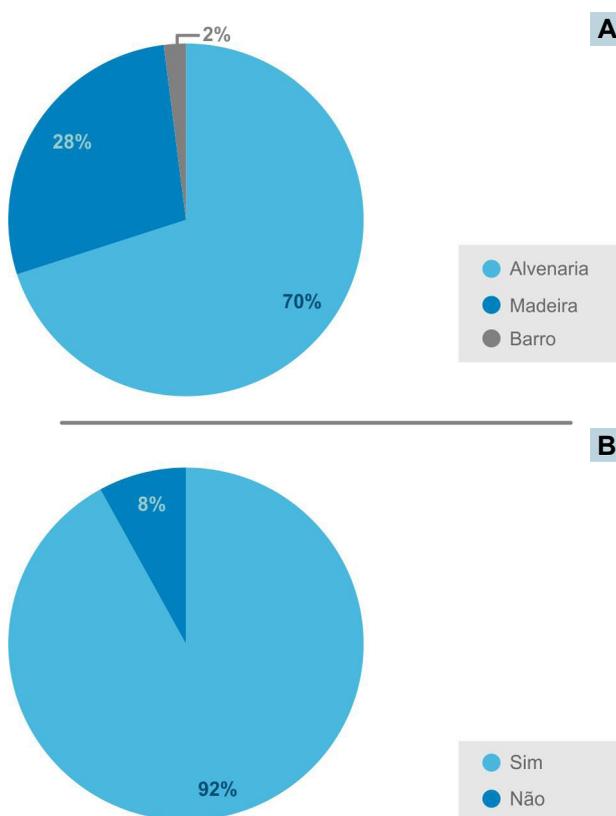


Figura 4. As vilas e as residências dos agricultores de Baião, PA, com relação a tipos de residências (A) e condições sanitárias (B), 2023.

De acordo com o Figura 4A, 70% das residências dos produtores são de alvenaria, o que indica um padrão habitacional mais duradouro. Um total de 28% são de madeira, modelo mais tradicional, enquanto 2% são de barro, o que evidencia uma situação mais precária, por favorecer a proliferação de insetos, principalmente o barbeiro. Nesse último caso, trata-se do menor produtor de pimenta, que tem somente 70 plantas e cuja renda depende fundamentalmente de políticas sociais.

Segundo informaram os entrevistados, a melhoria das casas está associada à geração de renda pela pipericultura, especialmente nas épocas de melhores preços.

Na Figura 4B, observa-se que a grande maioria das residências possui banheiro e fossa, condição que expressa uma boa cobertura de saneamento básico.

No que diz respeito à água (Figura 5), há uma diversidade de fontes — poço artesiano, água encanada, poço boca aberta, água do rio —, mas, na realidade, 65% das habitações não dispõem de água tratada. Em contraste, todos têm como fonte de energia a eletricidade da rede de transmissão da empresa Equatorial.

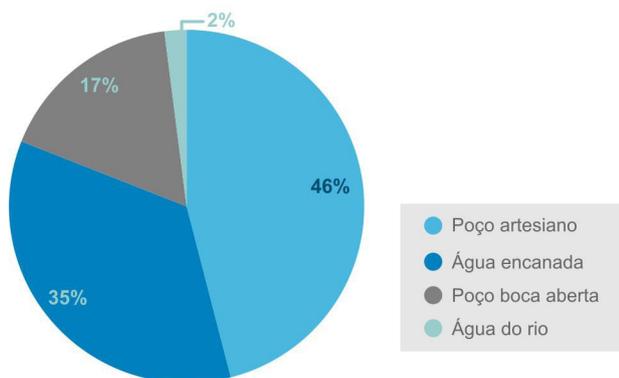


Figura 5. As vilas e as residências dos agricultores de Baião, PA, com acesso à água.

Em relação às estradas que dão acesso à propriedade (Figura 6A), a maioria, segundo os entrevistados, está em ótimas e médias condições. Somente 26% dos entrevistados descrevem seu estado como péssimo e ruim. As avaliações não revelam um aspecto peculiar na Amazônia, que é a relação entre a época de chuvas e a piora substancial das estradas, como se observou no decorrer da pesquisa.

Quanto aos meios de transporte utilizados para a locomoção até a cidade, a Figura 6B evidencia que a maioria dos entrevistados dispõe de veículos próprios. Uma minoria de 19% depende de ônibus de linha, bicicleta e barco. Ter um transporte próprio em vilas que não têm boa infraestrutura em termos de saúde e de comercialização é um diferencial para atender às necessidades da família e do estabelecimento.

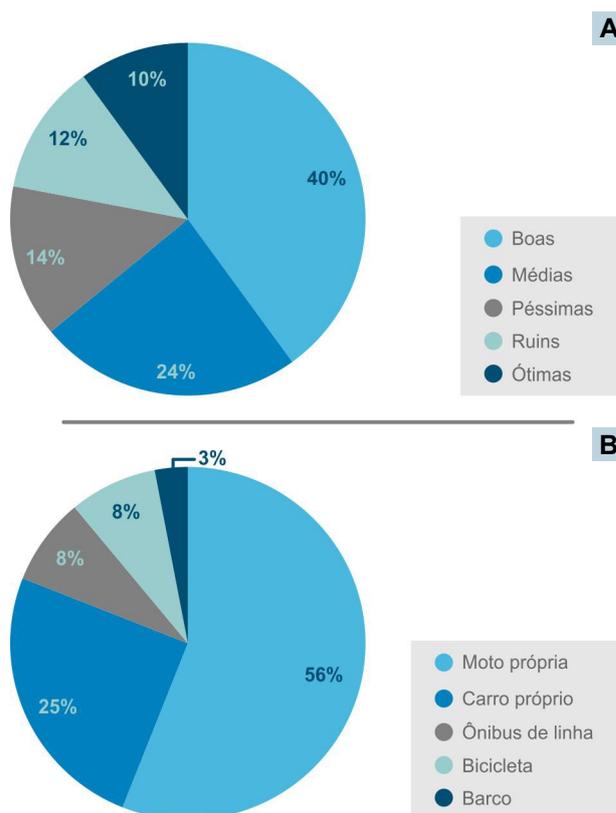


Figura 6. As vilas e as residências dos agricultores de Baião, PA, com relação às condições das estradas (A) e meios de transportes (B), 2023.

No que diz respeito aos serviços disponíveis, 16% das vilas têm igrejas e bares, mas apenas 15% têm escola. Além disso, 12% têm acesso tanto à mercearia quanto à borracharia, 9% a um centro comunitário, mas somente 8% têm acesso a um posto de saúde, 5% têm acesso a um posto policial, 4% a feira e apenas 3% a salão comunitário (Figura 7A). As condições explícitas nos números tornam os agricultores dependentes do centro urbano com recursos próprios.

A Figura 7B trata do lazer que, usualmente, ocorre dentro das vilas e divide-se entre igarapés, igrejas, bares, espaços domésticos e esportivos. Minoritariamente, a feira consta como uma opção de lazer, provavelmente pelos encontros que favorece. Em geral, é possível constatar que esses agricultores e suas famílias enfrentam limitações quanto aos meios de lazer disponíveis no município, especialmente os mais jovens. Observa-se ainda que as atividades de lazer disponíveis não incluem o desenvolvimento desportivo.

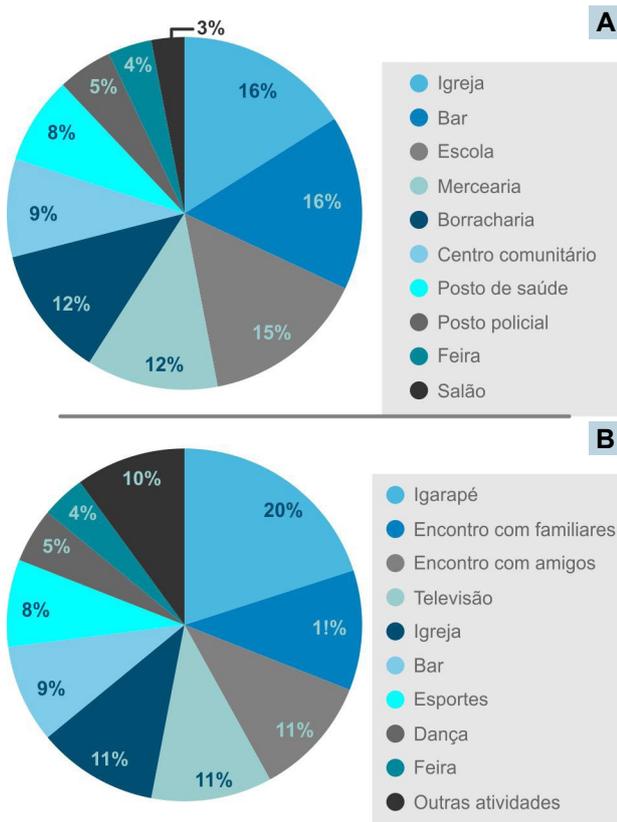


Figura 7. As vilas e as residências dos agricultores de Baião, PA, com relação a serviços disponíveis (A) e lazer (B), 2023.

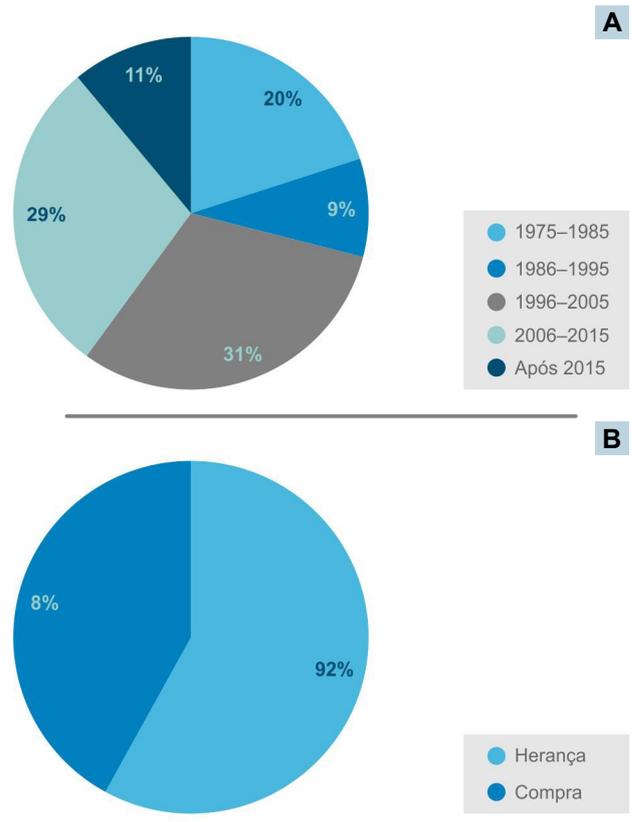


Figura 8. Os estabelecimentos dos agricultores de Baião, PA, com relação ao ano de obtenção (A) e meio de obtenção (B), 2023.

Os estabelecimentos dos agricultores

Dos dados sobre o estabelecimento, valoriza-se nesta pesquisa o ano de obtenção, o meio de obtenção, o tamanho do estabelecimento e a disponibilidade de assistência técnica. O ano de obtenção do estabelecimento e o meio pelo qual foi adquirido podem ser observados na Figura 8.

Nota-se que houve mais aquisição de terras entre os anos de 1996 e 2015 (Figura 8A). Na Figura 8B, é possível verificar que 58% dos produtores obtiveram suas terras por meio de herança transmitida pelos pais ainda em vida; já os demais (42%) tornaram-se proprietários por meio de compra.

Segundo relatos, até recentemente, o padrão de uso da terra dos agricultores familiares baseava-se no processo sucessivo de derruba e queima para plantio de culturas anuais. No presente, os cultivos predominam nos arredores

das pimenteiros que duram somente entre 5 e 6 anos, em decorrência da fusariose.

Os tamanhos das áreas e a disponibilidade de assistência técnica podem ser observados na Figura 9.

Os dados revelam que há diferenças importantes nos tamanhos das áreas. Pela classificação que estabelecemos, as menores têm entre 1 e 20 ha, as médias têm entre 41 e 60 ha e as maiores possuem mais de 100 ha. Os agricultores, na maioria, possuem entre 21 e 40 ha (predomínio atribuído à configuração do padrão dos lotes na região que, geralmente, têm 25 ha) (Figura 9A).

Na Figura 9B, evidencia-se a falta de assistência técnica para para os agricultores, considerando que somente 35% dispõem de assistência técnica. Destes, 67% é atendido pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (Emater-Pará) e os demais contratam ocasionalmente um profissional.

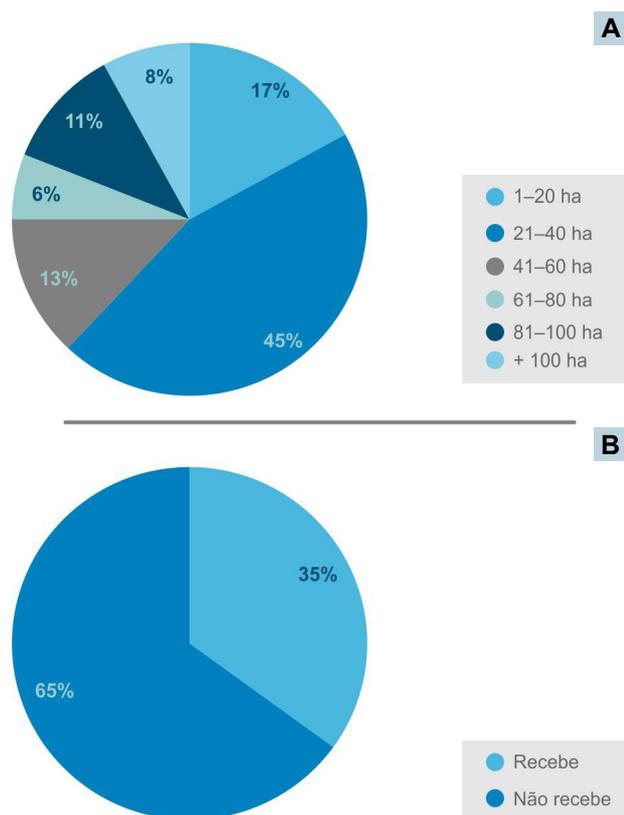


Figura 9. Os estabelecimentos dos agricultores de Baião, PA, com relação ao tamanho do estabelecimento (A) e acesso a assistência técnica (B), 2023.

Os cultivos de pimenta

Os entrevistados elencam diferentes razões para optar pelo cultivo da pimenta-do-reino. Dentre as mais citadas, estão as econômicas, a tradição e a influência da família. Muitas vezes, são superpostas, mas aqui selecionamos a principal para cada entrevistado.

Um total de 10% dos entrevistados indicam razões econômicas, nas quais sobressai a possibilidade de aumentar a renda em decorrência de ter comercialização garantida, como mostram os depoimentos:

No início, quando decidi plantar pela primeira vez, eu fui influenciado pelo lucro, trabalhava sozinho e vendia para compradores em Baião⁴.

É uma coisa lucrativa, o único dinheiro que se vê vem dela, é vendável. Trabalhei para outras pessoas cultivando pimenta e gostei. Devido sempre ter sonhado com uma renda própria, decidi investir inicialmente na área do meu sogro desenvolvendo com o cunhado, plantaram 500 pés, vendia em Baião, garantido⁵.

Em se tratando da tradição, a influência de vizinhos e amigos teve peso para 12% dos entrevistados porque serviu tanto de incentivo,

pelo exemplo, como pela palavra, aconselhamento. Importante considerar que o plantio influenciou em redes de comercialização e na partilha de experiências:

Os moradores mais antigos da comunidade convenceram o meu pai, vendo os outros, aí resolveu plantar no final do lote [...]. Levavam para vender na cidade⁶.

Na região se planta muita pimenta e decidi fazer. Comecei com mil pés, já tinha comprado em Baião, levei para lá de carro alugado. Hoje já vem na casa o comprador⁷.

A grande maioria dos agricultores entrevistados (78%), entretanto, iniciou os cultivos de pimenta-do-reino por influência da família nuclear ou extensa, como mostram os depoimentos:

Apreendi a plantar pimenta com meu pai e em 1975–1980 veio Padre Tiago de Holanda que implantou projetos comunitários para plantação de pimenta. Deu mudas para dez famílias e meu pai estava incluído⁸.

Planto pimenta desde a infância com meu pai, cuja propriedade era residência de todos os filhos até eles comprarem suas próprias terras. O trabalho era familiar e a venda era realizada na cidade⁹.

Fui influenciado pelo meu pai que era produtor de pimenta, na época, tinha financiamento da pimenta. Plantei mil pés com ajuda de amigos, a colheita foi feita por trabalhadores¹⁰.

Porque é o principal produto que é fácil para vender, mas foi a família da minha esposa que influenciou, comecei com mil plantas, pagou trator para limpar a área, pagou diária para os trabalhadores, vendeu para o atravessador¹¹.

Ter o pai como produtor de pimenta, influenciou no aprendizado não só das práticas, mas também dos canais de comercialização que, na quase totalidade, se dá por meio de compradores que têm armazéns em Baião. Estes últimos tanto compram a pimenta na folha como por ocasião da safra. Comprar na folha, segundo um entrevistado, significa:

O cara [agricultor] vende a pimenta na folha, troca para quando colher entregar e receber um valor menor do comprador. É porque compra enquanto a pimenta está na planta ainda, a pimenta está na árvore. Aí quando ele colher é que vai lhe entregar a pimenta. Aí ele compra a tonelada¹².

Outro modo de conseguir recursos para o plantio é por meio de um adiantamento de recursos para garantir a safra e a fidelidade: “às vezes ele mesmo

⁴ Informação fornecida por R. F. A., em Baião, PA, em 2023.

⁵ Informação fornecida por N. B., agricultor, em Baião, PA, em 2023.

⁶ Informação fornecida por D. P. S., agricultor, em Baião, PA, em 2023.

⁷ Informação fornecida por I. V. P., em Baião, PA, em 2023.

⁸ Informação fornecida por A. C., agricultor, em Baião, PA, em 2023.

⁹ Informação fornecida por C. C., agricultor, em Baião, PA, em 2023.

¹⁰ Informação fornecida por R. N. T. N., técnico agrícola, em Baião, PA, em 2023.

⁴ Informação fornecida por F. L., agricultor, em Baião, PA, em 2023.

⁵ Informação fornecida por R. L., agricultor, em Baião, PA, em 2023.

pega dinheiro no produtor, as vezes ele já confia e adianta o dinheiro”¹³.

Vale destacar que as relações entre os agricultores e os compradores vão além de relações estritamente comerciais porque mesclam conteúdos como fidelidade, confiança, pontualidade e tradição familiar. Um dos entrevistados afirmou:

Porque o meu pai já vendia para ele, aí já negociava e já segui a tradição. Ele sempre foi bom negociador também... nunca falhou com a gente, aí continua¹⁴.

No que diz respeito às áreas plantadas de pimenta, 46% dos agricultores trabalham em áreas que variam de 0,1 a 1 ha; 36% entre 1,1 e 2 ha; 8% têm áreas que variam de 2,1 a 4 ha; e 10% têm áreas com mais de 4 ha (Figura 10).

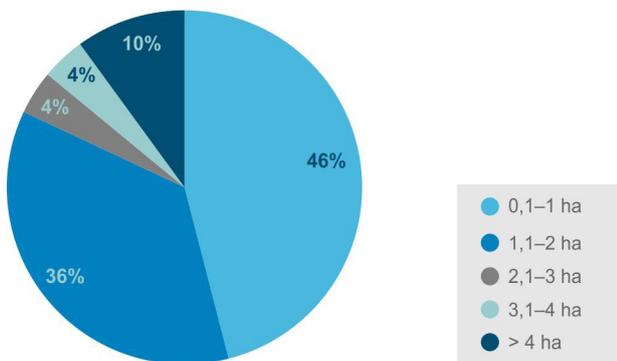


Figura 10. Tamanho das áreas plantadas com pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.) em Baião, PA.

As variedades de pimenta preferidas pelos agricultores podem ser vistas na Figura 11A. Têm destaque a Olho Branco (Bragantina) e a Clonada, cada uma representando 27% do total, motivadas pelo peso e pelo maior rendimento de cachos. Em seguida, com 18%, a Tira Cota (Uthirankotta) mantém-se como uma escolha relevante. A cultivar Sará (Iaçará) é plantada por 9%, enquanto Kottanadan e Apra por 7%, cada uma. Outras variedades, como Panny, Bragança, Pretinha e Cingapura, são utilizadas em menor escala.

Quanto ao número de plantas cultivadas, 14% dos agricultores têm entre 100 e 1.000; 32% mantêm entre 1.001 e 2.000 plantas; 18% entre 2.001 e 3.000

plantas; 14%, mantêm entre 3.001 e 4.000 plantas; 6% têm entre 4.001 e 5.000 plantas; e, por fim, 16% têm mais de 5.000 plantas (Figura 11B).

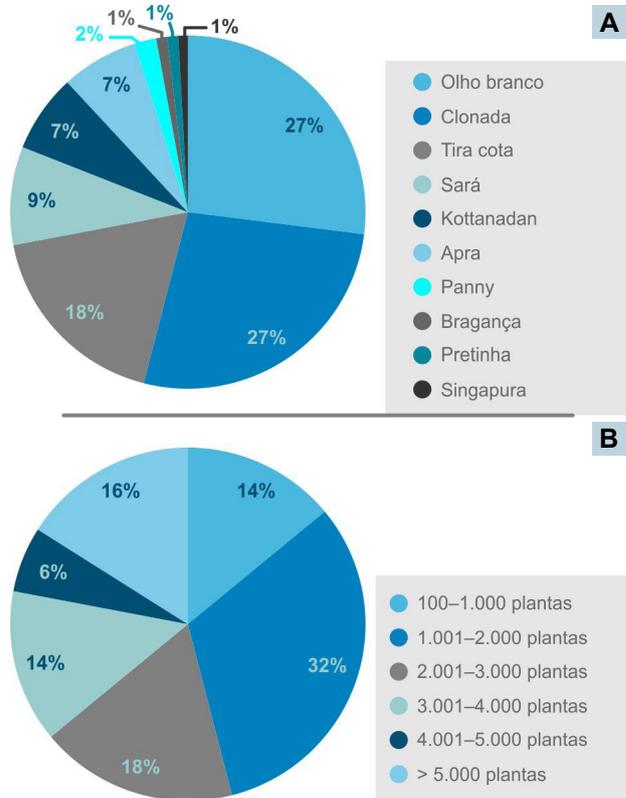


Figura 11. Variedades de pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.) mais utilizadas (A) e número de plantas de pimenta-do-reino por agricultor (B), no município de Baião, PA.

Para manter os pimentais, em 43% das situações, a força de trabalho é constituída por membros da própria família. Além disso, observa-se a contratação em formato de diárias em 36% dos casos, enquanto a empreita é registrada em 19%. Apenas uma parcela mínima, equivalente a 1%, opta por estratégias de reciprocidade como mutirões ou de troca de dias.

A pimenta é uma cultura com grande demanda de força de trabalho que vivencia diferentes relações, com destaque para a família e os diaristas (Figura 12), especialmente na colheita, quando grupos de trabalhadores se deslocam entre os cultivos oferecendo o seu trabalho e estabelecendo diferentes formas de hospedagem nas vilas.

¹³ Informação fornecida por R. N. T. N., técnico agrícola, em Baião, PA, em 2023.

¹⁴ Informação fornecida por R. N. T. N., técnico agrícola, em Baião, PA, em 2023.

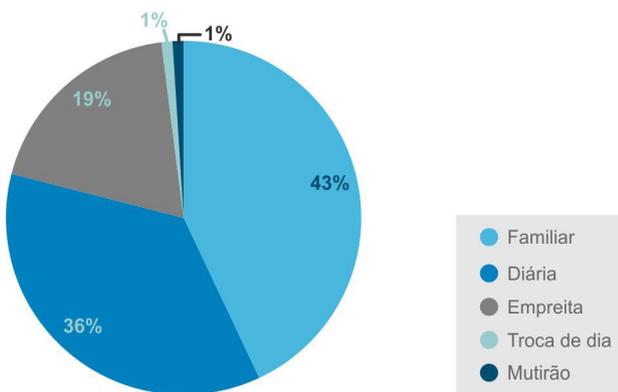


Figura 12. Relações de trabalho nos pimentais de Baião.

Outras atividades e rendas dos agricultores

Muito embora a pimenta-do-reino seja considerada a principal atividade, a Figura 13 mostra que a renda familiar tem diferentes aportes e alguns outros produtos são cultivados.

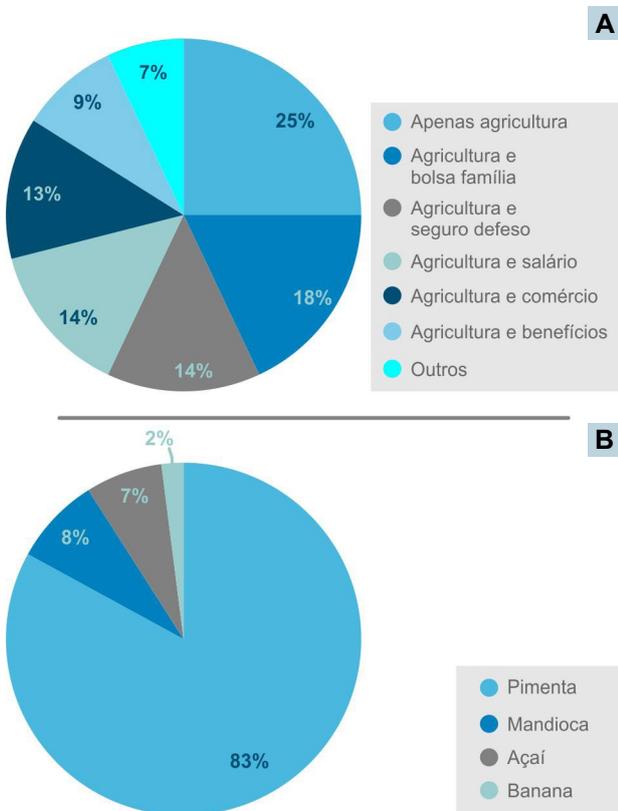


Figura 13. Atividades e renda dos agricultores de Baião, PA, com relação a renda familiar (A) e produções mais lucrativas (B), 2023.

Verificou-se que a totalidade dos agricultores tem renda oriunda da atividade agrícola, mas é importante observar as diferentes rendas adicionais que provêm de atividades não agrícolas (salário e comércio) e de políticas públicas (seguro defeso, Bolsa Família e benefícios). Os dados mostram a versatilidade do grupo de produtores na composição de renda, o que os deixa mais resilientes para lidar com imprevistos.

Na Figura 13B, os dados mostram que a grande maioria dos entrevistados indica a pimenta como a cultura mais lucrativa; secundariamente, citam a mandioca, o açaí e a banana. A pimenta é apontada como facilmente comercializável e passível de armazenamento. Significa, portanto, uma espécie de “poupança” para a família, enquanto as demais culturas e rendas garantem as despesas cotidianas.

Os dados relativos ao financiamento agrícola e à situação de dívida com o banco podem ser vistos na Figura 14.

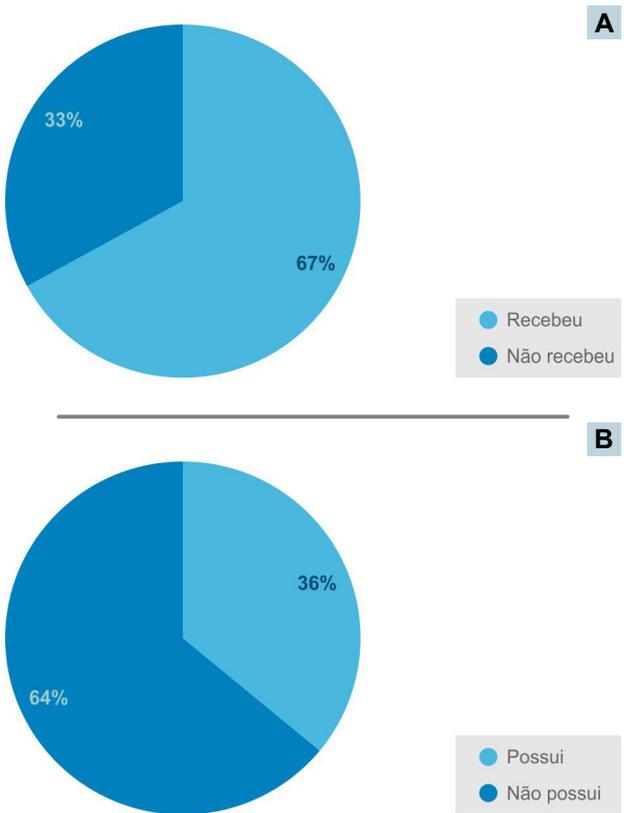


Figura 14. Atividades e renda dos agricultores de Baião, PA, com relação a financiamento (A) e dívidas com o banco (B), 2023.

Segundo os entrevistados, a obtenção de financiamentos não tem sido possível para a maioria, ou porque estão inadimplentes, ou porque é difícil ter

acesso ao crédito em razão das exigências e da falta de informação. Ademais, as condições nem sempre são consideradas vantajosas. Para compensar a carência de recursos, vendem a pimenta na folha ou tomam adiantamento dos compradores, como já explicado.

Planos para o futuro

Em se tratando do futuro, há uma clara opção por investimentos na agricultura, como mostram os dados da Figura 15.

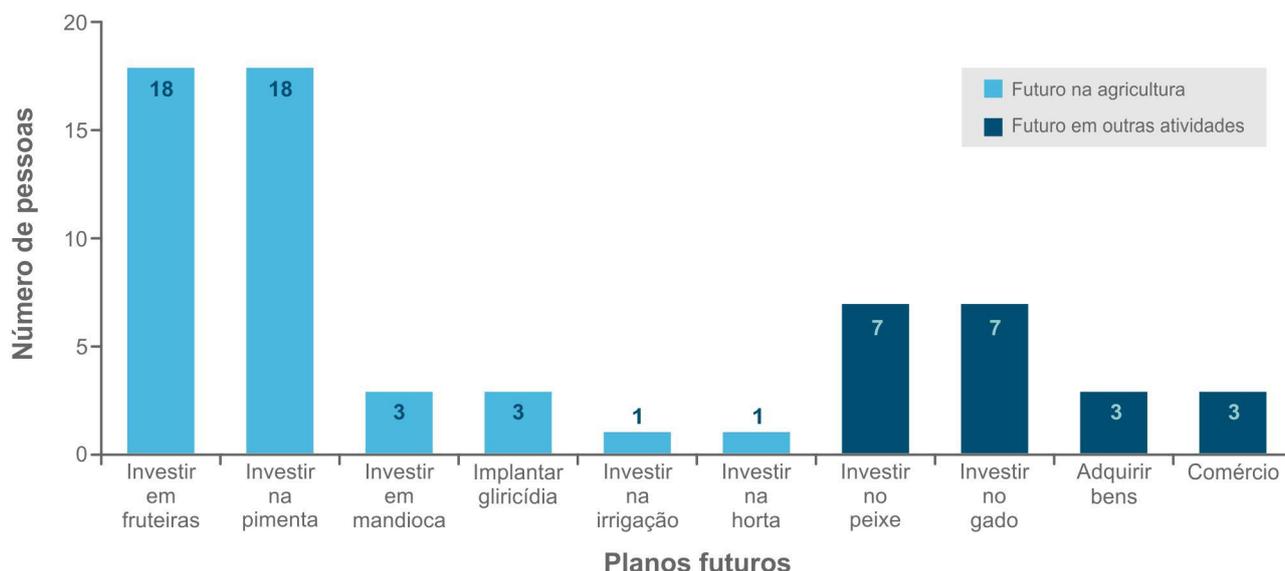


Figura 15. Planos futuros dos agricultores de Baião, PA, em relação a agricultura e outras atividades, 2023.

Um percentual significativo de agricultores (41%) planeja investir em frutíferas, especialmente açaí e cacau, em virtude do crescimento da demanda e em paralelo à pimenta, que persiste como uma cultura que faz parte dos projetos futuros dos entrevistados. Os demais, em menor número, pretendem investir em mandioca, na irrigação para a pimenta e o açaí e em hortas. Chama atenção o fato de que somente 7% pretendem investir em gliricídia para utilizá-la como tutor vivo. Apesar da facilidade de uso de estacas de madeira, há pouco conhecimento sobre o emprego dessa alternativa de tutor para o cultivo da pimenteira-do-reino, especialmente pela falta de divulgação pelos serviços de extensão.

Em relação aos planos futuros para outras atividades, os agricultores pretendem investir na criação de animais (piscicultura e bovinocultura). Uma minoria pretende adquirir bens (casa e carro próprio) e investir no comércio de produtos agrícolas.

Assim, a ideia dos agricultores é a manutenção do pimental paralelamente a outras atividades agrícolas e não agrícolas. A diversificação vigora entre os entrevistados e se mostra eficaz para o enfrentamento das oscilações do preço da pimenta.

Considerações finais

Os entrevistados situados em faixas etárias produtivas exibem um nível de escolaridade que lhes confere habilidades para lidar com demandas que requerem leitura e escrita. Embora detenham terras em quantidade suficiente para atividades agrícolas, confrontam-se com a escassez de mão de obra familiar.

A centralidade da cultura de pimenta-do-reino nas suas práticas agrícolas conduz a estratégias diversas para incremento da renda, destacando-se a diversificação por meio de atividades não agrícolas e o aproveitamento de políticas sociais. Assim, diminuem a vulnerabilidade por meio do exercício da diversificação.

As condições de infraestrutura, tanto habitacionais quanto relacionadas à agricultura, carecem de melhorias substanciais, constituindo um desafio para a eficiência produtiva e o bem-estar dos produtores. Além disso, eventos de lazer enfrentam limitações, refletindo a necessidade de iniciativas para suprir essa carência e promover o equilíbrio na qualidade de vida desses agricultores.

Em se tratando do cultivo da pimenta-do-reino, coexistem satisfações com preocupações amparadas na certeza de comercialização em contraste com a incerteza e oscilação dos preços. Mesmo que a grande maioria cultive pimenta por tradição familiar, fazia parte dessa mesma tradição a obtenção de rendimentos compatíveis que têm se deteriorado e preocupam quanto ao futuro.

Há dificuldades de acesso a financiamento, à assistência técnica e às tecnologias disponíveis para a melhoria e expansão das áreas cultivadas. Entretanto, há perspectivas dos produtores na diversificação da produção para além da produção da pimenta-do-reino, tais como açaí, mandioca, cacau, piscicultura e pecuária.

De maneira geral, observa-se uma demanda por maior presença e investimento dos serviços estaduais, visando não apenas aprimorar as condições de vida e de trabalho dos produtores, mas também fortalecer a infraestrutura e serviços (estradas, assistência técnica, serviços médicos e de lazer, por exemplo) necessários para potencializar a produção agrícola e promover o bem-estar das pessoas no município de Baião, PA.

Agradecimentos

A todas as pessoas que participaram da concepção e realização da pesquisa, especialmente aquelas que atenderam ao convite para serem entrevistadas. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à empresa Tropoc – Produtos Tropicais de Castanhal LTDA, à Universidade Federal do Pará (UFPA), à Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-Pará) e ao Banco da Amazônia, pelo suporte financeiro.

Referências

- BECKER, H. S. Além das categorias: definir o que não se encaixa. In: BECKER, H. S. **Observação social e estudos de caso sociais**: métodos de pesquisa em ciências sociais. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 117-133.
- CARNEIRO JUNIOR, J. F. C.; LIMA, J. M. de; SILVA, A. L. P. da; NASCIMENTO, M. de N. C. F. Análise de mercado da pimenta-do-reino no período de 1990 a 2015. **Tecnologia & Ciência Agropecuária**, v. 11, n. 6, p. 116-145, dez. 2017.
- CUNHA, L. S.; DAMASCENO, M. M. **Análise da lucratividade do produtor rural familiar de pimenta-do-reino no município de Acará-PA**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba.
- DUARTE, M. de L. R. **Cultivo da pimenteira-do-reino na Região Norte**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2004. 185 p. (Embrapa Amazônia Oriental. Sistemas de produção, 1).
- DUARTE, M. de L. R.; POLTRONIERI, M. C.; CHU, E. Y.; OLIVEIRA, R. F. de; LEMOS, O. F. de; BENCHIMOL, R. L.; CONCEIÇÃO, H. E. O. da; SOUZA, G. F. de. **A cultura da pimenta-do-reino**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2006. 73 p. (Coleção Plantar, 55).
- FILGUEIRAS, G. C.; HOMMA, A. K. O.; SANTOS, M. A. S. dos. Conjuntura do mercado da pimenta-do-reino no Brasil e no mundo. In: WORKSHOP DA PIMENTA DO REINO DO ESTADO DO PARÁ, 1., 2009, Belém, PA. **Situação atual e alternativa para a produção sustentável**: anais [...]. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2009. 1 CD-ROM.
- HOMMA, A. K. O. Civilização da pimenta-do-reino na Amazônia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 34., 1996, Aracaju. **Agricultura e reestruturação produtiva**: anais. Brasília, DF: Sober, 1996. v. 1, p. 91-114.
- IBGE. **Produção de pimenta-do-reino**. Rio de Janeiro, 2022a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/pimenta-do-reino/pa>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- IBGE. **Produção agrícola**: lavoura temporária. Rio de Janeiro, 2022b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/baiiao/pesquisa/14/10193>. Acesso em: 3 maio 2024.
- LEITÃO, C. A entrevista como instrumento de pesquisa científica em Informática na Educação: planejamento, execução e análise. In: PIMENTEL, M.; SANTOS, E. O. dos (ed.). **Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação**: abordagem qualitativa. Porto Alegre: SBC, 2021. v. 3, cap. 7.
- PIRAUX, M.; SIMÕES, A.; SOMBRA, D. A diversidade socioespacial do Território Baixo Tocantins e impactos na agricultura familiar. In: SIMÕES, A.; BENASSULY, M. (org.). **Na várzea e na terra firme**: transformações socioambientais e reinvenções camponesas. Belém: Universidade Federal do Pará, 2017. p. 77-114.



RAMOS, E. da S. **Agricultura familiar no contexto municipal de Baião**: tendências e perspectivas. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Ananindeua.

RIBEIRO, L. B.; MOTA, D. M. da; ALVES, K. dos S. Vilas rurais na Amazônia Oriental: o Nordeste Paraense em questão. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 34, n. 3, p. 339-358, set./dez. 2017.

SCHNEIDER, S. Mercados e agricultura familiar. In: MARQUES, F. C.; CONTERATO, M. A.; SCHNEIDER, S. **Construção de mercados e agricultura familiar**: desafios para o desenvolvimento rural. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2016. p. 93-142.